

A DELINQUÊNCIA FEMININA NO PARAGUAI: A PARAGUAIA IDEAL E A PARAGUAIA REAL EM MEIO AO CAOS DO PÓS-GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

ALBERTO MOBY RIBEIRO DA SILVA*

RESUMO: O presente ensaio discute a questão da delinquência feminina no Paraguai no pós-guerra da Tríplice Aliança. Analisa a preocupação das elites em definir um papel para a mulher paraguaia, oscilando entre uma feminilidade ideal e a paraguaia real em meio ao caos do pós-guerra, confrontando-as com situações em que mulheres do povo rompem com a condição de submissão, rejeição e resignação que lhes é imposta para denunciar, através da sua insubordinação às novas regras do jogo, a iniquidade dos “regeneradores”. Ao saírem do anonimato que os porta-vozes da classe dominante lhes havia reservado para, contestaram a “ordem” e o “progresso”, denunciando com suas atitudes desesperadas a iniquidade de uma nova ordem que as desprezava ainda mais do que os regimes “tirânicos” que esses líderes diziam haver enterrado quando da ocupação aliada de Asunción.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra da Tríplice Aliança, delinquência feminina, gênero

ABSTRACT: This paper discusses the issue of female delinquency in Paraguay in the post Triple Alliance War period. Analyzes the concern of the elites in defining a role for the Paraguayan woman, oscillating between an ideal and a real femininity in the post-war chaos. Confronts them with situations in which ordinary women break with the condition of submission, rejection and resignation imposed on them to denounce, through their insubordination to the new rules of the

* Jornalista, licenciado em História, mestre e doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense; autor, entre outros trabalhos, de Sinal fechado: a música popular brasileira sob censura – 1937-45/1969-78 (2. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008) e La noche de las kygua vera: la mujer y la reconstrucción de la identidad nacional en la posguerra de la Triple Alianza (1867-1904) (Asunción: Intercontinental, 2010); professor da rede municipal de ensino de Angra dos Reis-RJ, atualmente exercendo o cargo de Coordenador de História. Endereço eletrônico: arsmoby@oi.com.br.

game, the iniquity of the “regenerators”. When leaving the anonymity that the spokespersons of the ruling class had reserved for them, they challenged the “order” and “progress”, denouncing through their desperate attitudes the wickedness of a new order that despised them even more than the “tyrannical” regimes that these leaders stated they had buried when the Allies occupied Asunción.

KEYWORDS: The Triple Alliance War, female delinquency, gender studies

A questão da delinquência feminina no Paraguai no pós-guerra da Tríplice Aliança é apenas um dos vários fios de uma imensa e complexa teia de relações sociais estabelecidas entre a nova elite política, econômica e cultural forjada pelos aliados, na maior parte das vezes sob a hegemonia brasileira, e o seu oposto, a “gente baixa” paraguaia. É apenas uma das muitas faces da questão que se coloca para essas elites quanto a definir um papel para a mulher paraguaia, oscilando entre uma feminilidade ideal e a paraguaia real em meio ao caos do pós-guerra. Trata-se de uma questão de gênero, mas também de uma questão de classe social.

Evidentemente, a tarefa mais árdua dessa “gente baixa”, num país arrasado por uma guerra de quase seis anos, era a de pôr em prática táticas de sobrevivência para enfrentar aqueles anos difíceis. Pretendo tratar aqui particularmente de uma parte dessa “gente baixa”, seu lado “fraco”: suas mulheres. E, dentre, elas, as que fizeram da delinquência sua interpretação particular dessas práticas de sobrevivência. Tentarei acompanhá-las em Asunción, a capital paraguaia, e seus arredores, tentando mostrar como a “gente calzada”, particularmente através de seus representantes na imprensa, masculina, interpretava a delinquência, como se servia delas como instrumento de sua propaganda ideológica em favor do papel de gênero aceitável para a mulher em geral e para a mulher pobre em particular e como as reprimia.

Asunción sob ocupação

Segundo Harris Gaylord Warren, Asunción, cuja população antes da guerra seria de pouco menos de 15 mil habitantes, entre julho de 1868 e janeiro de 1869, período de avanço decisivo das tropas da Tríplice Aliança território paraguaio adentro rumo à capital, transformara-se numa cidade fantasma. Com a evacuação da cidade, a 22 de fevereiro de 1868, e o estabelecimento da nova capital na localidade de Luque, dia após dia os poucos remanescentes de Asunción aguardaram com ansiedade a chegada de tropas brasileiras (Cf. WARREN, 1978: 11), na expectativa de que a cidade retomasse sua vida normal.

Ao se realizarem, as esperanças dos que não fugiram da capital trouxeram consigo um alto tributo. Seguindo as ordens do Marquês de Caxias, comandante-chefe das tropas aliadas, o então coronel Hermes da Fonseca aportou em Asunción na noite de 1º de janeiro de 1869 acompanhado de 1.700 homens. Os poucos remanescentes do exército paraguaio na capital agiram mais como observadores do que como seus defensores. Quatro dias depois, chegava Caxias com o grosso dos exércitos aliados, na quase totalidade brasileiros. Oficiais e soldados instalaram-se em residências abandonadas e prédios públicos. Junto com eles, ocupavam também a capital, desgovernada e caótica, saques, incêndios, estupros e toda sorte de crimes. Assim justificava os saques, em 1870, João Ribeiro de Almeida: “Asunción era praça de guerra quando nela entrou a brigada comandada pelo coronel Hermes, e portanto tudo quanto nela se encerrava e que seus habitantes fugitivos não puderam levar consigo, pertencia ao vencedor [...]” (ALMEIDA, 1870: 196).

Além disso, para os brasileiros era certo que a população asuncena, ao abandonar suas casas, havia enterrado seus tesouros e por isso os saqueadores não deixaram de pé nada que pudesse esconder os tais tesouros. Embora fosse verdade que o decreto presidencial ordenando a desocupação de Asunción tivesse promovido um verdadeiro caos na cidade, particularmente entre as famílias mais influentes, as que tinham verdadeiramente algo a perder, não há provas de que houvesse abundância de grandes

tesouros a serem enterrados. Além disso, segundo Héctor Francisco Decoud, muitas famílias foram procurar as várias representações consulares em Asunción para depositar suas joias e economias, acreditando ser essa a única forma de reavê-las quando de uma (im)provável volta à capital.

Publicado o bando [o decerto da evacuação da cidade], às 4 horas da tarde, todas as famílias asuncenas que ainda possuíam joias e dinheiro metálico, restos do saque de que haviam sido vítimas¹, umas correram para depositá-los na legação dos Estados Unidos da América do Norte, cujo titular era o ministro Charles A. Washburn, assim como nos consulados da França e da Itália [...]; e outros optaram por enterrá-los em suas casas, todos, naturalmente, tentando garantir a maior segurança de seus interesses. (DECOUD, 1925: 16)

Embora houvesse muito exagero quanto a tesouros enterrados na capital paraguaia, de qualquer forma, do saque promovido pelas forças de ocupação e seus seguidores foram extraídas de Asunción verdadeiras fortunas em mobiliário, joias, utensílios domésticos etc. Os soldados aliados saquearam tudo que pudesse esconder os tais tesouros. Uma onda de escavações nas ruas, jardins e assoalhos das casas, violações de túmulos em busca de riquezas escondidas ou enterradas tomou conta da cidade (WARREN, 1978: 17-19).

Asunción, em pouquíssimo tempo, acabaria se transformando no reverso de um país desertificado e desolado. Junto com os Aliados chegava também uma gama heterogênea de seguidores das tropas, composta de vivandeiros, turistas, observadores oficiais e independentes, exilados paraguaios que retornavam após vários anos, cerca de 800 oficiais e soldados da *Legión Paraguaya*, movimento de oposição a Solano López organizado em Buenos Aires e que se havia incorporado – não sem o protesto veemente de López – à Tríplice Aliança.

Por outro lado, a capital começava a se entupir também de

1 Não está claro a exatamente que saques refere-se Decoud. Certamente, devem ter ocorrido saques por parte dos mais oportunistas, quer fossem soldados, quer membros da população. Afinal, é bastante provável que houvesse escassez de alimentos e de bens de consumo em geral, além da concentração de papel-moeda nas mãos de uns poucos privilegiados.

gente de todas as partes do país em busca da própria sobrevivência. Centenas de esfomeados sobreviventes paraguaios, muitos dos quais feridos, mutilados e doentes, vagavam pelas ruas da cidade. Assim, a situação do pós-guerra em Asunción passa a ser, talvez, a mais lastimável do país pelas contradições que expõe.

Homens sem registro, doentes, mutilados, empobrecidos e miseráveis surgiam com mulheres desafortunadas, nas mesmas ou em piores condições, como os únicos remanescentes da antiga população do Paraguai, pois a riqueza que antigamente era extraída do solo paraguaio foi substituída por uma completa desolação, resultado da guerra e da conseqüente perda de população [...] (STUART a STANLEY, 09/02/1869).

Ao mesmo tempo em que os aliados ocupavam Asunción, no interior do país Solano López e seus seguidores eram cada vez mais acuados. Empurradas para o Norte pelas circunstâncias, as tropas fiéis ao governo iam sofrendo perda após perda, propiciando a que se perdesse também o controle sobre os destinos de *residentas* e *destinadas*². Por outro lado, à medida que vão

2 Poucos meses depois do abandono de Asunción, uma série de processos por traição foi instaurada no povoado de San Fernando, onde estavam o alto comando militar e o Poder Executivo paraguaios. Em parte como consequência desses processos formar-se-iam duas categorias de mulheres condenadas a peregrinar com o que ainda restava das tropas paraguaias. De um lado estavam as *agraciadas*, mulheres cujos parentes estavam, pelo menos até àquela época, em bons termos com López; de outro, estavam as *traidoras*, parentes de réus políticos, castigadas pelas faltas supostamente cometidas por seus familiares ou mesmo por “crimes” de amigos ou conhecidos. As *traidoras* que não foram fuziladas depois de terem passado todo tipo de vexames e torturas, incluindo a violação, transformaram-se em *destinadas*, isto é, foram enviadas à localidade de Yhú, e depois a Espadín (hoje em território brasileiro), perto do encontro das cordilheiras de Amambay e Mbaracayú, onde se instalou um campo de concentração para elas. As *agraciadas*, por sua vez, transformadas em *residentas*, foram condenadas, não pelos juízes de López, mas pelas circunstâncias, a seguir o exército paraguaio em sua também *via crucis*, cruzando o país de sul a norte. Embora a sorte desses dois grupos não fosse muito distinta, é importante lembrar que, salvo exceções, corresponde majoritariamente às *kygua vera* – às mulheres do povo (ver próxima nota) – a transformação em *residentas*, que sem terem onde morar, obrigadas a abandonar sucessivas vezes suas casas, ainda que provisórias, desde os arredores de Asunción até os povoados do interior, seguem seus maridos, irmãos, pais, filhos ou algum outro parente, seus únicos referenciais após o caos em que a guerra se transformara. Do outro lado, coincidem com as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” as *destinadas*, quase sempre aparentadas – por mais distante que fosse esse parentesco – com algum “conspirador”. É importante dizer que mesmo não havendo uma rígida barreira entre a origem de classe dessas mulheres e sua designação como *residenta* ou

avançando em sua caçada ao que ainda restava do exército de López, os aliados vão agregando a sua marcha centenas de pessoas, em sua maioria mulheres, que veem nas tropas aliadas sua última tábua de salvação. O *Diário do Exército* registra, por exemplo, a 2 de junho de 1869: “As famílias do Povoado [de Ibitimy], o qual tem alguma importância pelo número crescido de casas, acolheram nossas forças com muita alegria e unidas elas às dos arredores, que pressurosas se apresentam, formam já um total de 4.000 pessoas que se valem de nossa proteção” (TAUNAY, 1926, v. 2: 93).

Por várias ocasiões, para, certamente, desembaraçar a movimentação das tropas, o Conde d’Eu, que substituíra o Marquês de Caxias no comando das forças brasileiras, ordenava o envio para Asunción de famílias que manifestassem o desejo de fazê-lo, segundo Taunay. Mas é fácil imaginar que seria quase impossível para essas famílias pensarem em alguma alternativa a Asunción.

As adesões às tropas aliadas são intermitentes e incômodas, principalmente porque era indispensável dar àquelas pessoas assistência médica, alimentar, psicológica. Deve-se levar em consideração também o fato de que entre essa gente resgatada havia membros de famílias paraguaias influentes e também brasileiros, militares e civis.

Toda essa massa de desamparados, em sua maioria mulheres, acabava por encontrar-se em Asunción, único lugar onde havia reais condições de a vida cotidiana se reconstituir minimamente em curto prazo.

Em Asunción, o grosso da população masculina era

destinada, no pós-guerra, a posição ocupada pelas mulheres segundo essa classificação será fundamental para situá-las socialmente. É verdade que existiam, de fato, relacionamentos familiares e afetivos interclasses e que, por outro lado, nem todos os membros da burguesia foram considerados traidores – o que seria extremamente absurdo – e nem todos os homens do povo estiveram isentos, *a priori*, de qualquer culpa. Por isso, também, era não pouco comum encontrar mulheres em cujas famílias pudessem ser identificados, ao mesmo tempo, “bravos patriotas” e “vis traidores”. Mas essas exceções apenas nos mostram o caos da guerra e, de certa forma, o grau de isolamento em que López é posto, em consequência de sucessivas derrotas militares, escondendo-se, atrás de uma aparente convicção da vitória e da violência decorrente dessa “certeza”, sua absoluta fragilidade. A descrição das condições que levaram as mulheres paraguaias a transformarem-se em *residentas* ou *destinadas* é encontrada em vários autores, dos quais utilizo-me aqui, prioritariamente, de VILLAMIL & QUEVEDO (1987) e ALCALÁ (1991).

constituído por cerca de 30 mil soldados. As mulheres da cidade eram presa fácil para esse bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra e pela distância da terra natal, cujos apetites sexuais não podiam ser dos mais moderados. “O amor livre reinava nas ruas e nas ‘plazas’, sendo as 300 mulheres paraguaias que caíram nas mãos do inimigo após [a batalha de] Itá-Ybaté vítimas desse vandalismo” (BRAY, 1983, v. 2: 128). Acrescente-se que em quase todos os cronistas militares e viajantes a descrição da beleza e do espírito alegre das mulheres de Asunción é recorrente – ainda que possam padecer do mesmo exagero decorrente das penúrias da guerra e da falta de convívio com o sexo feminino que geralmente descartam. Dionísio Cerqueira, por exemplo, faz delas a seguinte descrição:

Todas, sem exceção, andavam descalças. Distinguiam-se pelo ar chibante as quiguaverás [kygua vera³], com enormes trepamoleques inclinados para uma das orelhas, das quais pendiam longas arrecadas de ouro lavradas a cinzel e incrustadas de crisólitas. Nos dedos luziam anéis de muitas voltas.

Tinham os cabelos muito alisados e lustrosos de banha. Algumas com os membys⁴ ajoelhados no chão e as cabecinhas descansando sobre os joelhos, catavam-lhes os cabelos, povoados quase sempre de quis⁵, que eram rotos nos dentes. Se um gringo de realejo e macaquinho às costas parava e moía alguma abanera, todo aquele mulherio levantava-se e punha-se a dançar. Se era a Palomita... que delírio! (CERQUEIRA, s.d.: 412)

Essas descrições têm, certamente, implicações, que discutiremos mais tarde. Por ora, vamos reter-nos nas condições em que se encontrava a capital paraguaia, particularmente com relação à sua ocupação pelas mulheres, que, segundo Charles Washburn, era um “espetáculo melancólico” (WASHBURN,

3 A expressão significa, em guarani, “pentes dourados”, referindo-se ao hábito que tinham as mulheres do povo de usar travessas douradas que ao mesmo tempo prendiam e enfeitavam suas, em geral, longas cabeleiras.

4 Em guarani: *memby* = filho, se dito pela mulher. Quando é o homem quem fala, a palavra é *ra’y*.

5 Em guarani: *ky* = piolho.

1871, v. 1: 597).

Em Asunción, toda a atividade informal ficou entregue a elas:

[...] a população de Asunción, que se estima em geral como de 10.000 habitantes, inclui entre 2.500 e 3.000 homens dos quartéis brasileiros de ocupação, a maioria deles negros, estabelecidos em uma colina fora da cidade, e o aprovisionamento desta força militar possibilita uma boa parte do comércio da cidade. O componente não-militar da população masculina, que pode estar em torno das 1.500 pessoas, consiste quase que inteiramente de estrangeiros, sejam brasileiros, italianos ou de outras nacionalidades. As mulheres paraguaias, não obstante, de todo tipo e cor, desde o tipo indígena ou negro até quase o puro espanhol, formam a maioria dos habitantes, e todo o comércio do interior é realizado por elas. Centenas de mulheres, cada uma levando na cabeça uma canastra com certas mercadorias comercializáveis, vegetais, ovos, leite, tabaco, ou pão à base de farinha de mandioca, chamado “chipa”, se trasladam até Asunción desde as zonas circunvizinhas todas as manhãs e ocupam as “plazas” abertas durante o dia, retornando a suas casas ao entardecer. A água potável da cidade se origina dos vários “pozos”, a uma certa distância da zona urbana, e é trazida de manhã e à noite pelas mulheres, que andam em fila indiana indo e vindo, cada uma sustentando um grande cântaro sobre a cabeça. (JOHNSON, GM)⁶

As condições de higiene e saúde pública da cidade, evidentemente, não podiam ser piores, transformando a própria sobrevivência na cidade, depois de todas as agruras da guerra, em mais um desafio.

As ruas, todas por calçar, apresentam a mais desagradável aparência. O terreno não está nivelado, e com as águas da chuva fica tudo coberto de lama ou de areia solta. Há ainda muito espaço por edificar ou por murar, vendo-se fora do alinhamento miseráveis pardieiros e ranchos de palha.

⁶ O relato é do geógrafo britânico Keith Johnson, publicado na revista *Geographical Magazine*, de Londres e, no ano seguinte, no jornal asunceno *La Reforma*. Não tive acesso aos números de *La Reforma* nem aos exemplares de *Geographical Magazine*, que aqui são citados de acordo com POTTHAST-JUTKEIT (1996) e KRAUER (1984). Para facilitar a menção ao trabalho de Johnson, já que as duas versões são muito semelhantes mas não idênticas, doravante mencionarei apenas o nome do autor e a indicação LR, para *La Reforma*, e GM, para *Geographical Magazine*.

Não há em toda cidade um chafariz, ou qualquer obra de canalização de águas. Em alguns pontos correm pelo terreno desigual e escaldado das ruas, parecendo provir de infiltrações da colina próxima.

Não havia iluminação na cidade, encontrando-se apenas em um ou outro ponto algum tosco lampião de azeite. (MELLO, 1869: 21)

Falando também sobre 1869, Héctor Francisco Decoud não deixa dúvidas a esse respeito:

Os carros do serviço público saíam para percorrer todos os dias a cidade e ao mesmo tempo em que recolhiam os desperdícios [lixo?] levavam também os cadáveres que encontravam e, tudo junto, levavam para jogar na porta do cemitério, sem nenhum respeito. [...] (DECOUD, 1925: 254-255)

A mulher ideal e a mulher real

Com o pós-guerra as novas lideranças político-ideológicas trazem ao Paraguai um modelo de mulher em geral bastante distante da maioria das mulheres paraguaias. Esse modelo, que certamente afetava a vida das mulheres das classes pobres, ainda que não a ponto de transformá-la substancialmente, parece ter encontrado eco mais fortemente nas mulheres da classe dominante. Era, aliás, segundo esse modelo a ser seguido que elas podiam se diferenciar das *kygua vera*.

Por outro lado, não podemos perder de vista que esse modelo era ainda objeto de controvérsias entre os publicistas do pós-guerra. A emancipação, ainda que tímida e parcial, das mulheres, afinal, representava para muitos uma séria ameaça ao poder que milenarmente tinha sido outorgado ao homem. Contribuir para a emancipação do gênero feminino significava para o homem não apenas perder vantagens quanto à moral e a vida públicas mas também conviver com a ameaça e a concorrência que representavam. A maior dessas ameaças era a de que as mulheres pudessem demonstrar que sua capacidade não era inferior, o que ameaçaria o equilíbrio social tanto no nível da coisa pública quanto da vida privada. Se levarmos em consideração a imensa

superioridade numérica das mulheres no Paraguai, essa ameaça toma um caráter ainda mais especial.

Dentro desse espírito, questões hoje vistas como descabidas renderam polêmicas acaloradas no Paraguai do pós-guerra: afinal, a mulher deveria ou não estudar? Se esse direito lhe fosse garantido, o que deveria estudar? Quais os limites para sua participação na vida pública, nos assuntos “dos homens”?

Há evidências de que tanto estudar quanto dar aulas eram tarefas ainda destinadas aos homens nos primeiros anos do pós-guerra, situação que se modificou apenas pela absoluta superioridade demográfica feminina. Mesmo assim, não sem resistência dos chefes das famílias distinguidas. A historiadora Beatriz Oddone nos conta, por exemplo, que sua bisavó, que havia sido *residenta*, ao regressar enviara sua avó, Clementina Carísimo, para a casa de parentes, na região do Paraná, para ser instruída, pois ainda não havia escolas em Asunción. Ao terminar o primário, Clementina Carísimo regressaria à capital paraguaia, onde iria conhecer a educadora Rosa Peña, que havia sido aluna de Sarmiento em Buenos Aires e se transformaria em uma das primeiras educadoras paraguaias. Sabendo de seu retorno, Rosa Peña lhe ofereceu o posto de preceptora. A família Carísimo Jovellanos, como todas as da época, encontrava-se na mais espantosa indignação. No entanto, conta Oddone,

as autoridades desse gineceu de 19 membros formado por minha bisavó e minhas tias [...] se negaram rotundamente a permitir que minha avó – com floridos 15 anos – aceitasse o cargo, por considerarem indigno de uma senhorita de sua qualidade sair todos os dias de casa. [...] a família preferiu passar miséria a ter que claudicar nos princípios [...]. (ODDONE, 1970: 14)

No registro que o educador Ramón Indalecio Cardozo faz de sua mãe e de sua tia Balbina, responsáveis por sua educação fundamental, aparece um esboço desse conflito. Cardozo provinha de uma família tradicional de Villa Rica empobrecida pelas agruras da guerra. A confiarmos em seu registro, nota-se em suas preceptoras o perfil da mulher paraguaia idealizada, ainda que abalado pelas circunstâncias.

Ela era uma mulher muito ilustrada para a época: lia corretamente e falava o espanhol com toda perfeição; mas não sabia escrever, pois naqueles tempos, antes da guerra, não se ensinava às meninas esta arte “para que não se comunicassem com os namorados”. Minha mãe, criada durante os azares da guerra e em meio às angústias econômicas emergentes daquela situação calamitosa, mal e mal recebera a educação do lar. (CARDOSO, 1991: 7)

Um dos quadros mais interessantes sobre o papel feminino seria traçado, irônica mas não surpreendentemente, por uma mulher, nas páginas do jornal *El Pueblo*:

A poesia é a companheira inseparável da mulher boa e é ela que embeleza o lar doméstico. Desgraçada a mulher que a desconhece e desgraçado também o homem que busca para sua companheira uma mulher prosaica e materialista! [...]

Toda mulher que cuida de embelezar sua casa e de torná-la agradável para sua família tem alma poética.

[...]

O lar doméstico sem poesia é para o espírito forte do homem um cárcere mesquinho e gelado. Se a mulher sabe embelezá-lo, é o oásis onde crescem palmeiras e flores, onde a água murmura docemente, onde a alma repousa das lutas e das dores da vida. (MARCO, 21/08/1872).

Quando autorizada a participar da vida pública, a mulher deve restringir-se à caridade, cujo papel social “é de tão vital importância que [...] não há sociedade bem e devidamente constituída onde não houver uma ou mais sociedades de senhoras que tenham por objetivo o alívio do infortúnio” (MANÓ, 05/02/1875).

Por outro lado, não podemos esquecer que o modelo de mulher para a sociedade paraguaia da *Regeneración*⁷ talvez tivesse

7 Denominação pela qual ficou conhecido o período de transição institucional imediatamente posterior à guerra, comandado pelo grupo político capitaneado pelos *legionarios*, membros da *Legión Paraguaya*, em geral exilados políticos que no início da

como objetivo primeiro convencer e moldar as mulheres da classe dominante, a partir das quais esse modelo se irradiasse para toda a sociedade. Não é por outra razão que os documentos sempre exaltam as ações exemplares de mulheres da classe dominante ao mesmo tempo em que estão lançando suspeitas sobre, ou mesmo denunciando, mulheres das classes subalternas.

O papel social dessas mulheres, que deveriam transformar o lar em um ambiente poético, lugar de repouso para a alma (masculina) “das lutas e das dores da vida” e cujo papel, na vida pública, deveria restringir-se à caridade era apresentado como inerente à natureza feminina. Era, em outras palavras, biológico, do qual não era possível fugir.

Nesse contexto, distinguir a mulher ideal da mulher real não é uma tarefa das mais fáceis, principalmente porque a real mulher paraguaia praticamente não deixou registros de sua existência. Pode-se encontrá-la, no entanto, no discurso da imprensa sobre como eram as mulheres que frequentavam os bailes (das “famílias distinguidas”) e as delinquentes (da “gente baixa”).

No caso dos bailes promovidos pela classe dominante, nas casas dos seus membros mais destacados e, principalmente, no Teatro Nacional, sobre a moral pública do pós-guerra, encontramos com o esforço das mulheres da classe social detentora do poder econômico e político no sentido de, atendendo às exigências que lhes eram impostas por seus homens, diferenciarem-se da imensa massa de mulheres do povo, cujos hábitos, costumes e tradições eram, aos olhos do pensamento liberal, símbolos de barbárie e atraso social. No entanto, no recesso sacrossanto do lar, seu dever

guerra se apresentaram à Tríplice Aliança como os “verdadeiros” representantes do Paraguai e que, portanto, “naturalmente” deveriam lutar entre as fileiras aliadas. Para eles, o fim da guerra representava uma “era nova que se apresenta sob a égide dos direitos do homem e cortejada por todos os princípios liberais que são o patrimônio das nações mais cultas”. Esta nova era, que se inaugurava “sob os generosos auspícios dos Governos Aliados, cujos exércitos entraram no Paraguai presidindo outro composto de um imenso comércio, indústria e imigração não menos poderoso para sua civilização que aquele, para derrotar o poder do mais feroz dos tiranos”, seria o tempo da *regeneración*. Signatários do *Manifiesto del Gobierno Provisorio*, defendiam que o povo deveria ser “regenerado”, “para que outra vez não caia na escravidão”. (Trechos extraídos de ESTEVES, 1921, apud SUSNIK, 1992: 66). O pensamento “*legionario*”, transformado em expressão da verdade do “novo” Paraguai, se impôs através do jornal *La Regeneración*, que nasce a 1º de outubro de 1869.

era o da anulação. Assim o descreve uma mulher, já em 1907:

Como esposa não tem nenhuma personalidade, a aparente grande importância que se dá a ela é pura decoração: na realidade, seu valor é meramente formal, não tem significado próprio, vale o que [vale] o marido e tal é, em geral, seu grau de ignorância que se pavoneia, orgulhosa, de sua triste condição de escrava. (DÁVALOS, 1907: 41)

Nos episódios relativos às mulheres delinquentes e infratoras, tomamos contato, ainda que breve, com outro extremo da atuação feminina no pós-guerra da Tríplice Aliança, quando mulheres do povo rompem com a condição de submissão, rejeição e resignação que lhes é imposta para denunciar, através da sua insubordinação às novas regras do jogo, a iniquidade dos “regeneradores”.

Por outro lado, não podemos nos esquecer das mulheres comuns, as que não aparecem nos registros policiais. É exatamente a designação de um papel social exclusivamente doméstico para a mulher – e sua aceitação – que alimenta a contradição que dá brecha à manutenção da cultura guarani-paraguaia. É na intimidade e na informalidade do lar que se dão as maiores vitórias na luta contra a nova ordem imposta pelos “regeneradores”. Numa sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres pelo menos exercem, segundo Michelle Perrot, todo o poder possível. As mulheres do século XIX – e, sem dúvida, as de todos os tempos – não foram apenas as vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixadas ou confiadas, elas às vezes elaboraram contrapoderes que podiam subverter os papéis visíveis (Cf. PERROT, 1996: 10). É o que tentarei demonstrar a seguir.

A moral pública

Um dos principais dilemas dos “regeneradores” era a questão da moral pública, resumo, traduzido para a vida cotidiana, das relações entre a almejada “nova ordem” e a população real do Paraguai do pós-guerra. O problema, no entanto, era que apesar de apregoarem os pressupostos básicos do pensamento liberal,

os grupos dominantes do Paraguai do pós-guerra estavam ainda bastante impregnados pelo pensamento patriarcal, que atingia de maneira particular as mulheres.

Para os “regeneradores”, cabia à mulher apenas ser a “progenitora da [...] regeneração, a reedificadora da [...] nacionalidade caída”, nas palavras, por exemplo, de Juan R. Dahlquist (1912, p. 173), Professor Normal e Inspetor Geral de Escolas entre 1906 e 1910. Evidentemente, essa tarefa cabia apenas àquelas mulheres identificadas com a “missão de labor doméstico e de carinho; deixando aos homens as rudes tarefas da política e da guerra”. Esse papel era predicado como o único possível em artigo do jornal *La Libertad* de 27 de abril de 1874, enquanto que qualquer participação feminina na vida pública era condenada com veemência como “ridícula”:

Na manhã de ontem um grupo de mulheres se apresentou ante o General Guimarães primeiro, depois ante o Ministro Brasileiro e fomos informados que até mesmo ao Cônsul da Itália, solicitando nada menos que uma mudança radical no pessoal do P.E. [Poder Executivo]

Quem inspirou semelhante disparate a estas infelizes mulheres?

Por que fazer pôr em ridículo essas pessoas abusando de sua ignorância?

Quantas delas, aconselhadas pelo carinho de mães, esposos, a filhas, a cujos filhos, esposos ou pais seriam apresentadas como vítimas, acreditavam cumprir com o duplo dever de patriotismo e amor à família e deram tão inoportuno passo.

É um [ato] criminoso abusar assim de sentimentos tão nobres, exaltando-as, para satisfazer uma ideia política irrealizável pelo meio proposto.

Por acaso ignoram os que mandaram essas mulheres [organizar a comissão] que a questão proposta era um sarcasmo?

Ou acreditavam que estavam fazendo gracinha pregando uma peça na ignorância?

Não sabem que por nossas leis e costumes a mulher não tem direitos civis?

Empreguem em boa hora as mulheres o recurso de súplica para comover o coração do magistrado e arrancar um semelhante da ação da lei; ou empreguem esse mesmo recurso para todo ato que se ligue a seu sexo e caráter social, em que as leis e costumes admitam a intervenção humanitária da mulher; mas não é razoável impulsionar esta parte

preciosa de nossa sociedade a cometer atos que, como este de que nos ocupamos, não é dado nem mesmo ao cidadão praticar.

O assunto é mais digno de risos do que de ser tratado com seriedade, mas nos propomos explicar aos autores desse ato o passo ridículo a que se prestaram.

[...]

Corresponde a nossas mulheres o cuidado interno do lar, a direção dos ternos filhos, elevar preces ao Senhor pelo bem da humanidade, coser, passar e o trabalho [doméstico], preparar a comida, condimentar o queijo, varrer a casa, cuidar da roupa do marido etc. etc.; e não intrrometer-se em quem é melhor para Presidente ou Juiz de Paz.

A mulher, se se afasta dos deveres que a sociedade cristã lhe impôs, perde a dignidade [...] e a própria sociedade passa a olhá-la como um ser estranho que não lhe pertence.

[...]

Voltem as bem intencionadas, ou melhor, ludibriadas mulheres ao seio do lar, que os homens se bastam para cumprir, até o fim dos séculos, a dura missão de sua combalida existência.

A humanidade, com suas imperfeições, segue seu rumo; deixemos, então, que continue sua peregrinação.⁸

Descontada a veemência – e virulência – deste artigo, o que prega representa perfeitamente o pensamento dos publicistas da época sobre as relações entre os gêneros na sociedade paraguaia do pós-guerra. Mesmo que o autor, anônimo, se empenhe em demonstrar que o alvo de suas críticas eram os homens que supostamente incentivaram essas mulheres a procurarem as autoridades para reclamarem da atuação do Poder Executivo e não contra elas, que, afinal, não seriam capazes de discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal. Afinal, cabiam ao homem – o ao homem da classe dominante, especialmente – e apenas ao homem os assuntos da política, que eram a condição necessária e suficiente para sua libertação.

No entanto, a realidade do Paraguai de pelo menos toda

⁸ *Ridicula. La Libertad*, 27/04/1874; 1.

a segunda metade do século XIX e particularmente após 1870 pouco tinha a ver com essa mulher idealizada, mesmo em Asunción. Na capital era mais fácil para as mulheres ganhar seu sustento trabalhando como domésticas e exercendo pequenas atividades comerciais do que nos distritos rurais, onde a maioria da população praticava uma agricultura de subsistência. A isto se somava a existência de grandes quartéis militares nas cercanias da cidade. As mulheres se trasladavam a Asunción para cuidarem de um irmão, um filho ou um tio que estava servindo o exército, se estabeleciam em um pequeno rancho, geralmente situado em terrenos que anteriormente haviam pertencido aos conventos que o Estado havia confiscado, que sublocavam em troca de valores quase simbólicos. A partir daí começavam a cozinhar, lavar e passar não só para sua própria família mas também para outros homens que não tinham quem cuidasse deles. Esses outros homens logo se convertiam em amantes ou, ao contrário, um amante passava a ser um cliente que pagava a mulher por seus serviços domésticos. Paulatinamente, a relação se convertia em algo intermediário entre o concubinato e uma união livre. O homem ia comer, fazer a *siesta* e passar a tarde na casa de sua amante, mas não residia ali permanentemente (Cf. POTTHAST-JUTKEIT, 1994: 88-90). Victorio Ceballo de San Salvador, por exemplo, vivia e comia com a mãe, mas normalmente fazia a *siesta* na casa de sua amante, María de la Cruz Canteros. Ela, por sua vez, lavava roupa para Don Carlos Lara e em troca recebia alimentos em sua casa⁹.

Além do serviço doméstico, especialmente nas áreas urbanas, as mulheres exerciam um pequeno comércio, vendendo principalmente frutas e laticínios. A preparação e a venda de *chipa*¹⁰ ou de doces feitos em casa representavam também uma ocupação tipicamente feminina. Como vimos anteriormente, era comum os viajantes descreverem o movimentado mercado de Asunción dominado por mulheres vestidas com *typóis*¹¹ brancos que vendiam todo tipo de comida e fumavam

9 Proceso contra Victoriano Ceballo y María de la Cruz Canteros, Archivo Nacional de Asunción, Sesión Judicial y Criminal, pasta 1507.

10 Biscoito típico do Paraguai, feito de polvilho, queijo e erva-doce.

11 Antigamente grafada como *tipoy*, a palavra designa, em guarani, um tipo de vestido

grandes charutos. Enrolar charutos era outra ocupação feminina, tanto na cidade como no campo. Não obstante, nas zonas rurais esta ocupação não era suficiente para que as mulheres ganhassem seu próprio sustento, pois a fonte típica de renda era o trabalho agrícola e a tecelagem.

Antes da guerra, a abundância de terras baratas no campo para a agricultura e de pequenas parcelas na capital, mais rural que urbana, brindou as mulheres paraguaias com a oportunidade de se manterem por si mesmas em lares independentes. Isto conduziu a que as mulheres dispusessem de uma considerável liberdade social e de campo de ação.

O ideal paternalista da mulher protegida, que permanece no lar, onde os membros do sexo masculino da família velam pelo seu comportamento, só era factível para uma ínfima minoria da classe alta paraguaia. A necessidade e a possibilidade de ganhar seu próprio sustento desde idade muito tenra não só expunha as moças e as mulheres a um contato diário com homens sem serem observadas por seus pais como também lhes proporcionava certa independência. A esta independência se somava a bastante comum ausência de homens, que normalmente deixavam suas casas para trabalhar nos *yerbales*¹² ou servirem o exército, o que também contribuiu para que as mulheres, geralmente sozinhas, garantissem a continuidade e a estabilidade tanto para a família como para a sociedade. As mulheres paraguaias se acostumaram a contar consigo mesmas e a ser quase as únicas responsáveis por sua prole. Tornava-se absurdamente destituída de sentido a prédica do articulista de *La Libertad*. Ainda na primeira década deste século, a jurista e cientista social Serafina Dávalos reclamava que

Com efeito, as famílias paraguaias em sua maior parte continuam sendo famílias sem chefes, os filhos são naturais e abundam os pais desconhecidos: e os homens, ao invés de ser seus sustentáculos naturais, são, pelo contrário, na sua condição de sedutores de rua, seus mais tenazes perseguidores. (DÁVALOS, 1907: 41)

típico paraguaio.

12 *Yerbales* eram os campos de cultivo de erva-mate, principal produto agrícola paraguaio nesse período.

Voltemos aos anos 1870. Apesar das evidências, nem as várias *Ordenanzas Municipales* de 1874 nem tampouco as *Disposiciones generales de Policía* de 15 de fevereiro 1876¹³ dedicam algum artigo às múltiplas e variadas atividades femininas. Ao contrário, as únicas mulheres mencionadas no documento do Departamento de Policía são as que, acompanhadas de cavalheiros, deveriam ter preferência no trânsito pelas calçadas (Art. 16), numa demonstração, sintomática para este trabalho, de que as únicas mulheres que realmente importavam eram as “senhoras” e “damas”, especialmente, como dá a entender o documento, aquelas sob a proteção de algum cavalheiro, categoria bastante diversa da realidade de Asunción, por onde circulavam milhares de mulheres ocupadas com atividades produtivas “menores”.

Ao mesmo tempo, a dura realidade do pós-guerra empurraria as mais desafortunadas para o recurso a expedientes ilícitos ou moralmente condenáveis como o roubo, a prostituição e a mendicância. Os jornais da época, ao condenarem a quantidade de mulheres que vadiavam por Asunción, exortando o governo a obrigá-las a buscarem no campo, no trabalho agrícola, ocupação e sustento, o fazem menos com a intenção de solucionar esse problema social do que com o objetivo de evitar “os repugnantes espetáculos que a cada passo se apresentam nas ruas desta cidade”¹⁴.

É importante lembrar, com respeito à prostituição e, de uma maneira geral, aos “escândalos públicos” que envolviam mulheres, que era bastante frágil a posição das elites dirigentes paraguaias. A principal razão é que nem sempre era fácil distinguir até que ponto tratava-se, realmente, de prostituição, em que nível a participação feminina nessas atitudes “escandalosas” era voluntária – embora essa hipótese não deva ser absolutamente descartada. Em muitos casos, entretanto, tratava-se de violações perpetradas por soldados das forças de ocupação, que gozavam de inúmeras regalias e privilégios.

Em sua edição de 12 de dezembro de 1869, *La Regeneración* denunciava “o escândalo que se presencia não apenas no Mercado como em todo lugar onde há reunião de mulheres, escândalo que consiste na imoralidade dos homens sem pudor, que creem lícito

13 *La Reforma*, 20/02/1876 : 3.

14 *La Regeneración*, 22/05/1870: 2.

saborear o amor nos lugares públicos”¹⁵. Na edição de 5 de janeiro de 1870, o jornal novamente chamava a atenção da Polícia e da Municipalidade para “a imoralidade que em quase todas as partes da população temos que presenciar. Homens sem pudor que mais se parecem a bestas que a seres racionais; podemos encontrá-los nos corredores das Igrejas [...] escandalizando atrocemente mesmo durante o dia, para saciar suas brutais paixões”¹⁶.

Em edição desse mesmo mês, um missivista escrevia a *La Nación* afirmando que o rapto era tão comum em Asunción que nenhuma mulher estava segura sem a proteção de um forte acompanhante¹⁷. Em fevereiro, *La Regeneración* divulgava um decreto do Governo Provisório no sentido de atender a suas reclamações. O decreto estipulava uma multa de um patacão ou três dias de prisão a todos os “indivíduos que perpetrassem ataques à honra e pudor das mulheres”¹⁸ em lugares públicos, mas não se tem informações sobre a eficácia dessa medida.

A julgar pelo artigo publicado em *El Fénix* em maio de 1873, a situação pouco mudara: “Agentes da imoralidade. Assim se pode chamar a uma chusma de indivíduos de blusas coloridas que perseguem as kygua veras pelas ruas, praticando sem o menor respeito atos que a decência manda calar”¹⁹.

É preciso levar em consideração, porém, como já chamamos a atenção anteriormente, que resultava extremamente difícil identificar até aonde iam os abusos dos homens do povo e dos soldados brasileiros e até que ponto havia a conivência das mulheres. Em outras palavras, estavam em jogo padrões de moralidade distintos, com os quais as elites eram muito pouco tolerantes, dada a intransigência que impunham o “progresso” e a “civilização”. Para alcançá-los era fundamental a repressão. *La Reforma*, por exemplo, reclamava do escândalo propiciado pelas mulheres que ocupavam um vagão de carga nas proximidades da

15 *La Regeneración*, 12/12/1869: 2.

16 *La Regeneración*, 05/01/1870: 2.

17 *La Nación*, 29/01/1870: 2.

18 *La Regeneración*, 27/02/1870: 3.

19 *El Fénix*, 16/05/1873: 2.

Alfândega:

Faz muitíssimo tempo que na pracinha da Aduana existe um “wagon” vazio que está servindo de guarida para vagabundos e mulherezinhas cometerem todo tipo de escândalos. Seria conveniente que os que têm sob sua responsabilidade o referido “wagon” mandassem retirá-lo daí e colocá-lo em outra paragem mais conveniente.²⁰

No dia seguinte, o mesmo jornal comentava elogiosamente a atitude da polícia com relação a algumas mulheres:

Há alguns dias avisamos [ao Comissário da 2ª Seção de Polícia da capital] que em uma esquina da rua 25 de Noviembre, uma quadra antes de chegar à casa em que vive o general Resquín, se reunia uma porção de mulheres dando escândalos à vizinhança: nos consta que imediatamente o Sr. Rojas tomou as devidas providências para que isso não se repetisse.

É assim que deve proceder um bom funcionário público.²¹

O problema, na verdade, residia em que era imensa a distância entre as concepções políticas e sociais da elite paraguaia – bem como, conseqüentemente, suas políticas públicas – e o povo, cuja miséria não tinha como minorar e cuja lógica sequer compreendia.

Trata-se de organizar o país cimentando a obra em exemplos modernos. [...] Mas [...] o povo não tem tido nenhuma participação e continua adotando os mesmos costumes que no tempo da tirania [...]. Temos uma constituição, leis liberais, método administrativo; e ainda contemplamos pelas ruas cenas repulsivas à moral social. Observamos homens e mulheres em públicas manifestações [de] obscenas carícias. [...] Observamos que esses mesmo seres proferem em alta voz obscenas palavras. Observamos, por fim, que essa classe terceira da sociedade se encontra no mesmo lugar onde a deixaram os tiranos.²²

20 *Que se quite. La Reforma*, 18/04/1876; 2.

21 *Se porta. La Reforma*, 19/04/1876: 2.

22 *El Pueblo*, 15/06/1871: 2.

É preciso registrar que a indignação das elites com relação ao comportamento das classes populares quanto à moral pública não se restringia aos escândalos vinculados ao relacionamento sexual. Era-lhes absolutamente incompreensível uma ampla gama de comportamentos que, do ponto de vista da classe dominante, eram incompatíveis com a modernidade. No mesmo artigo mencionado acima *El Fénix* lista os objetos de sua ojeriza: “Observamos crianças de cinco e mais anos completamente nuas revirando-se na areia no meio da rua. Observamos que certas mulheres enlodam as ruas com imundícies. Observamos que essas classes abandonadas convertem vários pontos centrais da cidade em latrinas públicas”²³.

Como conviver com hábitos tão incivilizados? Para esses homens, absolutamente desinformados sobre a realidade de seu próprio país, do qual muitos viveram exilados por vários anos, era inconcebível que se mantivesse, nas ruas da capital, hábitos tão primitivos como o de permitir que as crianças andassem nuas pelos lugares públicos até quase à puberdade. Por isso, em várias edições *El Pueblo* propôs reiteradamente que a polícia distribuisse roupas para as crianças e adolescentes com o objetivo de impedir que elas continuassem ofendendo o pudor público. A campanha, no entanto, parece não ter sido eficaz. No final do ano o jornal ainda publicava o seguinte comentário: “Não sabemos por que se permite que crianças de ambos os sexos andem [por aí] escandalizando com sua completa nudez. Não é por miséria, mas por escandaloso costume. Muitos carregam a roupa debaixo do braço e rolam pela terra ostentando sua repugnante nudez”²⁴.

A delinquência feminina

Junto com a destruição física e a devastação da paisagem a confusão da guerra trouxe também – e não podia ser de outra forma – a desorientação. Muito provavelmente, descontados os elementos da cultura popular que a classe dominante pouco se

23 Ibidem.

24 *El Pueblo*, 23/12/1871: 2.

empenharia para compreender, muitos dos “desvios” de conduta moral foram consequências no cotidiano dessa desorientação. A busca de novos padrões de sobrevivência, de formas de enfrentar o dia-a-dia, de divertir-se, de produzir e reproduzir quase nunca era tarefa fácil e sem conflitos.

Suicídios e distúrbios psíquicos entre a população pobre eram constantemente registrados pelos jornais. Além disso, a imprensa da época registra um aumento substancial da violência e da marginalidade, particularmente entre as mulheres, que os jornais registravam quase sempre em tom jocoso, embora não sem preocupação. São vários os registros, particularmente no jornal *La Reforma*, de mulheres bêbadas que provocavam arruaças ou que brigavam entre si e de roubos, em alguns casos com consequências fatais. Quase sempre as suspeitas recaíam sobre mulheres, como é o caso do roubo ocorrido em abril de 1876 na residência de uma tal Marcelina González:

Na quarta-feira passada foi encontrada uma casa da rua Azara, esquina com Uruguay, com as portas abertas e arrombadas, tendo sido roubado tudo o que havia nela.

A dona da casa, chamada Marcelina González, há alguns dias foi a Corrientes, deixando-a aos cuidados de duas mulheres de sua confiança.

Parece que os ladrões espreitaram o momento em que estas estavam na praça e, por conseguinte, a casa sozinha, para efetuar o roubo.

Graças às ativas diligências do diligente [sic] e incansável Comissário Espíndola, foi possível apreender uma mulher que se supõe ser uma das autoras do roubo.²⁵

A proliferação de ladras, bem como a agilidade, esperteza, e às vezes até força descomunal a elas atribuídas, prato cheio para a imprensa, criaram verdadeiros mitos de delinquência feminina.

Uma das mulheres que se encontra presa no Departamento Geral de Polícia em consequência do roubo sofrido por D. Asunción Doldan é, na verdade, uma famosa criminosa.

Fazem já dois anos que, estando presa e acorrentada em Humaitá, [ela]

25 *Robo con fractura. La Reforma*, 22/04/1876: 2.

fugiu da prisão; anos depois, quando era Chefe Político o Coronel Dr. Luís González, foi presa por dois roubos cometidos e, poucos dias depois de sua prisão, burlando a vigilância dos sentinelas, escalou as paredes do pátio da Polícia e se evadiu pela 2ª vez.

A Polícia que abra o olho para que não se evapore de novo esta espécie de duende de saias.

A referida indivíduo tem uma estatura colossal e cor negra; falando com ela ninguém saberia o que [realmente] é aquela mulher, devido a sua voz melíflua e fisionomia humilde.²⁶

Uma semana depois, o jornal registrava terem sido confirmados seus temores, noticiando a fuga da ladra:

A famosa ladra e já célebre escaladora de muralhas zombou de novo das autoridades.

Na madrugada de sexta-feira, burlando a vigilância dos sentinelas que há nos pátios, saiu do quarto em que estava presa e escalando as paredes da cadeia passou pelo pátio da casa contígua à que vive o Sr. Chefe de Polícia e em cujos corredores havia uma porção de gente dormindo.

[...]

É altamente original o que acontece com esta mulher, pois parece impossível que com tanta vigilância como a que se tinha com ela, tenha podido escapar pela terceira vez.²⁷

Outra ladra famosa é Valentina López, que em abril de 1876

foi conduzida ao Departamento Geral de Polícia pela delegacia da 3ª seção [...], em poder da qual foi encontrado um riquíssimo ñanduti que havia sido roubado de uma de nossas igrejas.

Há outra cúmplice, ainda não encontrada, chamada María Pilé.

[...] é a quarta ou quinta vez que foram alojadas na casa grande pela única mania de apoderar-se da propriedade alheia contra a vontade de seu dono.²⁸

26 *Pájaro gordo. La Reforma*, 02/04/1876: 2.

27 *Lo temíamos. La Reforma*, 09/04/1876: 2.

28 *Por ladrona. La Reforma*, 22/04/1876: 2.

Três meses depois, Valentina – ou Valé, como era mais conhecida – reaparece nas páginas do jornal:

Encontra-se na polícia uma mulher conhecida pelo nome de “Valé” que é a quinta ou sexta vez que é conduzida àquele departamento por ter pecado no 7º mandamento.

Na segunda-feira à noite, levando em conta que está grávida, em consideração a seu estado, foi posta em liberdade: na quarta-feira pela manhã, era conduzida pelos agentes à Polícia, por ter sido encontrada abrindo [...] a porta de uma casa que não era a sua.

A polícia já não sabe que medidas tomar com [relação a] ela. É incorrigível.²⁹

Em agosto Valé aparece novamente, desta vez como recapturada, depois de ter fugido da delegacia de polícia:

A polícia deu caça, ontem, à famosa ladra Valentina López. Já é a 7ª vez que entra naquele asilo por sua mania de apropriar-se dos bens alheios.

“Valé”, que é o nome pelo qual é conhecida, há alguns dias havia fugido da cadeia e ontem foi presa em um lugar chamado “La Mercé”.³⁰

O tom irônico pelo qual as recorrentes notícias de seus delitos, prisões e fugas são tratadas é característica comum às demais notícias de delitos cometidos por populares, particularmente quando envolvem mulheres. Em março de 1876, por exemplo, duas lavadeiras são presas por brigarem na rua. Além do mais, uma delas, segundo o repórter – que ressalta o fato de serem mulheres, e não homens, as protagonistas da contenda –, estava embriagada:

Já não são os homens que, por um dá cá aquela palha, se dão trombadas em plena rua.

Ontem duas lavadeiras, por não sabemos que questões, das palavras passaram às vias de fato e trocaram muitos socos, arrancaram-se os cabelos, dando um escândalo dos maiores.

29 *Incorregible. La Reforma*, 12/07/1876: 2.

30 *Famosa ladrona. La Reforma*, 15/08/1876: 2.

Uma das combatentes, de bastante idade, estava em estado de embriaguez. Foi a que levou a pior parte no combate.

A briga foi parar às margens do rio, perto do cais de descarga.³¹

Em outra briga, as mulheres são jocosamente tratadas por “dulcineias”, que foram conduzidas ao “hotel” da 2ª seção de polícia:

Ontem à tarde na rua de Atajo duas mulheres armaram um escândalo dos maiores, chegando ao extremo de trocarem trombadas em profusão.

Não conhecemos o motivo que induziu aquelas dulcineias a promoverem o escândalo; mas vimos o resultado: isto é, uma delas saiu sem algumas mechas de cabelo e a outra com uma boa dose de arranhões e marcas da agressão.

Os vigilantes da delegacia da 2ª seção de polícia acudiram ao barulho e as promotoras da desordem foram conduzidas ao hotel de pouco trigo.³²

Em outro caso de roubo, também protagonizado por uma mulher, o texto do jornalista é cheio de jogos de palavras, revelando o tom pouco sério no qual a questão é tratada:

Ontem, por volta das 2 da madrugada, uma das rondas que à noite vigiam a cidade apreendeu em flagrante uma mulher que estava roubando as aves do curral da casa do Sr. Montefilpo, situada na rua Pilcomayo.

O dono da casa, com o ruído que fizeram as aves ao quererem mudá-las de vivenda, acudiu e, chamando a referida patrulha, que felizmente passava pela rua, prendeu a larápia, que foi alojada no hotel do galo, onde seguramente não a manterão junto com as aves.³³

Em praticamente todos os episódios *La Reforma* sempre elogia o papel da polícia, como no caso em que duas mulheres são presas acusadas de cúmplices no roubo das joias da Sra. Doldan, já mencionado, que “se portou maravilhosamente”³⁴.

31 *Pelea mujeril. La Reforma*, 31/03/1876: 2.

32 *Reyerta. La Reforma*, 11/06/1876: 2.

33 *Ratera. La Reforma*, 04/04/1876: 2.

34 *Mas presas. La Reforma*, 31/03/1876: 1.

O trabalho da polícia, aliás, não devia ser dos mais fáceis, já que a economia, a política e a moral pública tramavam constantemente contra a população pobre em geral e as mulheres em particular.

Não por outra razão uma das formas mais comuns de roubo, segundo os jornais, era a que envolvia criadas, que se aproveitavam da ausência dos patrões, ou de situações de doença ou imobilidade de algum dos donos da casa para roubar, numa estratégia de sobrevivência que parecia ser bastante corriqueira. Falando de um desses casos, em que duas criadas da residência do Sr. Fernández Narváez roubaram do patrão vários objetos, roupas, livros e documentos importantes, cuja devolução o proprietário prometia gratificar generosamente, o jornal comentava a necessidade de se aplicar “o castigo condigno, para evitar que continuem se sucedendo fatos que, como este, se repetem com frequência”³⁵.

Vemos passar, no entanto, toda a década de 1870 sem que os sucessivos governos – e foram muitos – e as frações da classe dominante que os apoiavam tomassem medidas concretas no sentido de solucionar os problemas da “vida real”. Enquanto divertiam-se com as festas pueris do Teatro Nacional ou, por outro lado, lutavam, às vezes até a morte, nas disputas pelo poder, pouco fizeram além da repressão e do escárnio. Raramente, como em um artigo de *El Pueblo* de 1872, reconheciam que da “gente baixa”, da “3ª classe”, particularmente de suas mulheres, é que era preciso reunir as forças para “regenerar” o Paraguai. Dizia o artigo:

A nação paraguaia, a mais desgraçada das repúblicas hispano-americanas, oferece atualmente um espetáculo desolador a todo homem humanitário e medianamente reflexivo.

A parte viril da nação sucumbiu nos combates ou sob o punhal dos sicários do Tirano: só uma pequena fração sobreviveu à catástrofe imensa atraída sobre a pátria paraguaia pelos crimes e pela estupidez de seus verdugos.

[...]

Que resta? O que sobreviveu a esta série de catástrofes que se chama História do Paraguai?

35 *Robo. La Reforma*, 10/03/1876: 2.

Triste é dizê-lo.

Um fragmento heroico de uma geração grande porque grande é tudo o que é desgraçado.

[...]

E lá embaixo, nos últimos graus da escala social, a multidão extremada pela miséria, envilecida pela ignorância, degradada pela superstição e pelo vício.

No entanto: nessa multidão é onde se deve buscar o germe da vida nesta sociedade renascente; dessa plebe há que sair o futuro Povo; sobre essa base há que descansar a Nação paraguaia do porvir.³⁶

Mas como alimentar o sentimento de esperança para com uma população que, ao mesmo tempo, inspirava medo, asco e desprezo? Entre os mais pobres, os mais fortemente atados ao círculo de ferro que aprisiona à esfera privada, estava a imensa quantidade de mulheres paraguaias do pós-guerra, realizando, talvez com maior propriedade e autoridade, a “outra produção, qualificada de consumo”, como dizia Michel de Certeau (1994, p. 39), ou fazendo realizá-la sob sua orientação. Como temos visto até aqui, faltava às elites paraguaias do pós-guerra tanto discernimento quanto sensibilidade para que fossem compreendidos tanto o caráter singular do papel da mulher paraguaia quanto a necessidade de levá-lo em conta no processo de *regeneración*, de reconstrução do país.

Uma imensa massa de despossuídos – e, particularmente, despossuídas – cuja alternativa aparentemente mais fácil e eficaz eram pequenos delitos. Algumas delas, milhares delas, perdem-se no anonimato dos cestos de vime atulhados de chipas para vender aos soldados, no ir e vir das latas d’água, no comércio de rua; outras, ainda, se confundem, no jogo de sedução – que pode significar a sobrevivência – que confunde a pobre moça casadoira, a prostituta, a mulher que só quer um homem por companhia num país tão escasso de homens.

Outras, como Valé, mais ousadas, desafiavam a ordem transformando a delinquência em profissão. Aqui, vemo-las

36 *Estudios sociales. El Pueblo*, 04/05/1872: 1.

saírem do anonimato que os porta-vozes da classe dominante lhes havia reservado para, contestando a “ordem” e o “progresso”, denunciarem com suas atitudes desesperadas a iniquidade de uma nova ordem que as desprezava ainda mais do que os regimes “tirânicos” que esses líderes diziam haver enterrado quando da ocupação Aliada de Asunción.

Referências bibliográficas

ALCALÁ, Guido Rodríguez. *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.

ALMEIDA, João Ribeiro de. “Breves considerações acerca de alguns documentos trazidos do Paraguay”. *Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*, v. 33, n. 2, 1870, p. 186-205.

BRAY, Arturo (Cnel.). *Hombres y épocas del Paraguay*. 4. ed. Asunción: El Lector, 1983. 2 v.

CARDOZO, Ramón Indalecio. *Mi vida de ciudadano y maestro*. Asunción: El Lector, 1991.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai – 1865-1870*. 4. ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, s.d. [1ª ed.: 1910]

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DAHLQUIST, Juan R. *Páginas de un maestro*: colección de artículos, conferencias y discursos. Asunción: Talleres Gráficos del Estado, 1912.

DÁVALOS, Serafina. *Humanismo*. Tesis presentada para optar al grado de Doctora en Derecho y Ciencias Sociales (Universidad Nacional/Facultad de Derecho y Ciencias Sociales). Asunción: Jordan & Villamil, 1907.

DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional 1869-1880*. Asunción: s.ed., 1925.

ESTEVES, Gomes Freire. *Historia contemporánea del Paraguay: lucha de cancillerías en el Plata*. Buenos Aires: s.ed., 1921.

KRAUER, Juan Carlos Herken. “La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de los “Lincolnshire farmers” (1870-1873)”. *Revista Paraguaya de Sociología*,

v. 18, n. 52, set.-dez. 1981, p. 33-108.

MANÓ, José C. "Las señoras de la Asuncion y el Hospital Italiano". *La Patria*, v. 2, n. 229, 05/02/1875

MARCO, María del Pilar Sinués de. "La poesia del hogar doméstico". *El Pueblo*, v. 3, n. 512, 21/08/1872.

MELLO, Francisco Ignacio Marcondes Homem de. "Viagem ao Paraguay em fevereiro e março de 1869". *Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico, e Ethnographico do Brasil*, v. 47, n. (36/2, 3º trim. 1873, p. 5-53.

ODDONE, Beatriz Rodríguez Alcalá de González. *Rosa Peña*. Asunción: Academia Paraguaya de la Historia, 1970.

PERROT, Michelle. "Poder dos homens, potência das mulheres? O exemplo do século XIX". *Cultura Vozes*, v. 89, n. 1, jan.-fev. 1996, p. 3-13.

POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. ¿"Paraíso de Mahoma" o "país de las mujeres"?: el rol de la familia en la sociedad paraguaya del Siglo XIX. Trad. Carmen Livieres de Mayntzhausen. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán, 1996.

POTTHAST-JUTKEIT, Barbara. "Relaciones matrimoniales y extramaritales en Paraguay en el siglo XIX". In: Cooney, Jerry W. & Whigham, Thomas L. (orgs.). *El Paraguay bajo los López: ensayos de historia social y política*. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1994, pp. 88-90.

Stuart to Stanley. *Correspondência*. Buenos Aires, 09/02/1869. Londres, Public Record Office, Foreign Office 6 (Argentina), doc. 16.

SUSNIK, Branislava. *Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX*. Asunción: Museo Etnográfico "Andrés Barbero", 1992.

VILLAMIL, Manuel Peña & Quevedo, Roberto (orgs.). *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987.

WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance War: the post-war decade, 1869-1878*. Austin: University of Texas Press, 1978.

WASHBURN, Charles A. *The history of Paraguay, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties*. Boston: Lee & Shepard, 1871. 2. v.